

MUDANÇA LEXICAL EM FORMAS VERBAIS

Maria Cecilia Mollica (UFRJ/CNPq)
Hadinei Ribeiro Batista (UFRJ/CAPES)

Equipe auxiliar:
Thaís Pedretti Lofeudo (PIBIC/UFRJ)
Samara Moura (PIBIC/UFRJ)

Resumo: Este artigo analisa o intercâmbio no emprego das formas *vir/vim* do português brasileiro e busca demonstrar que a forma lexical *vim* é favorecida em contextos onde o padrão canônico prevê a ocorrência de *vir*, principalmente na fala de pessoas com baixo grau de instrução. Os dados foram extraídos da amostra MOBREAL, constituída por 22 gravações realizadas entre 1989 e 1990. Como hipótese de trabalho, assumimos que o princípio da marcação é altamente relevante para a explicação da neutralização infinitivo pessoal/indicativo nas formas analisadas.

Palavras-chave: Princípio da marcação, Infinitivo Pessoal, Indicativo, Difusão lexical.

Abstract: This article analyzes the exchange in the use of Brazilian Portuguese forms *vir/vim* and seeks to demonstrate that the lexical form *vim* is favored in contexts where the standard canonical predicts the occurrence of *vir*, especially in the speech of people with low educational level. Data were extracted from the MOBREAL sample consisted of 22 recordings made between 1989 and 1990. As a working hypothesis, we assume that the notion of markedness is highly relevant to the explanation of the neutralization of personal infinitive/indicative in the analyzed forms.

Keywords: Markedness, Personal Infinitive, Indicative, Lexical diffusion.

FOCO DO ESTUDO

Este texto retoma o ciclo de mudança nas línguas românicas que atinge o modo verbal nos casos em que as formas lexicais dos verbos são neutralizadas. O fenômeno da regularização

indicativo/subjuntivo e mesmo indicativo/infinitivo vem sendo estudado e pode ocorrer entre construções lexicais de base verbal. No presente estudo, focalizamos o par *vir/vim* e atestamos o predomínio da forma lexical *vim*, mesmo com valor de *vir*, especialmente em falantes menos letrados, como no trecho (1), da amostra MOBRAL, acessível em <http://www.letras.ufrj.br/peul/amfala.html>. Essa amostra é constituída por 22 gravações realizadas entre 1989 e 1990 com situações reais de fala.

(1) Falante: 01 Hen

Sexo: masculino

Idade: 17

Escolaridade: MOBRAL

Profissão: boy

Ano da entrevista: 1976

F: Eu já estudei um pouco, sabe? Mas'eu sou um cara que tenho cu...a cabeça muito dura.

E: É?

F: Então é o seguinte: cum esse problema também. Eu morava em São João de Meriti. Qué dizer, aí minha mãe, minha mãe faleceu já **vim** pra cá, daqui'uns dias já volto lá, maior barato! Então num consegui-me concentrá legal, estudá, agora qu'eu tô entrandu

numa di...estudá legal, sabe?

E: Sei. Você fica indu di lá pra cá?

F: É, de vez em quando eu vô lá pra casa do me pai, passu mais um tempo, depois minha vó já mi panha de novo, já volto pra cá di novo, é assim...

E: E você dança bem?

F: Sei lá, morou? Já entrei até nuns concurso aí,

de dança assim, im baile assim. Já ganhei alguma coisa. Mas num...mas num digo qu'eu num danço bem, não. Sei lá...

E: Dança sozinho?

F: É. Danço sozinho, mas danço acompanhado também! Mi amarro, sabe? Pô si'a gente vai pagá pra ficá dançandu só música lenta, tá por fora. Então aqui **vim** s'tamos curtindo. Qué dizê. Bota um *soul*, música quente, qui dá pra balançá a gente...Curtindo...

E: Você arrumô briga aí, por quê?

F: Sei lá, morô? Tentei me comunicá cum. Tentei explicá a eles qu'a professora num, num...Um cara aí, sabe? Ele achou qu'a professora tava errada porqu'ela tava faltandu, porqu'ela tava com machucado na...perna. Aí ela lá 'mbaixo falou: "Ah, num sei quê, pra-lá-lá. A professora num vem mais...pão duro. Também num venho mais! Num sei quê!" Aí tentei explicá a ele. "Ah, num é nada disso. A professora num vem porqu'ela tá doente, i é u seguinte: professora do MOBREAL num é paga legal pra **vim** aqui nu colégio. Ela tá fazendo um favor pra genti. E você é um deles qui num pode nem reclamá que você quando entrou, veio pra cá, você veio até com (interrupção)..." Mas já tá tudo bem.

Constata-se, em (1), o uso da forma lexical *vim* com valor de pretérito perfeito em "Qué dizer, aí minha mãe, minha mãe faleceu já **vim** pra cá" e em "Então aqui **vim** s'tamos curtindo.", variante que neutraliza o par *vim/vir*, como no trecho "professora do MOBREAL num é paga legal pra **vim** aqui nu colégio", num contexto em que o cânone preconiza a forma do infinitivo *vir*.

Buscamos provar, com base em outros estudos, que o emprego de *vim* por *vir* configura regularização lexical e mudança lexical na morfologia do verbo, motivada por variáveis independentes do ponto de vista extralinguístico, estrutural e cognitivo. Um dos vetores parece dever-se ao princípio da marcação. O falante opta pela forma menos marcada, abandonando o processamento de *vir*, que apresenta o segmento rótico, mais marcado fonologicamente que o traço de nasalidade em *vim*. Tal tendência se verifica em falantes com nível baixo de letramento e pode ter motivações fonológico-cognitivas.

QUESTÕES E HIPÓTESES

Algumas questões e hipóteses norteiam o trabalho:

- (1) Como o léxico muda?
- (2) O princípio da marcação é um parâmetro realmente relevante para explicar a mudança lexical?
- (3) Existem variáveis específicas com efeito diferenciado no léxico de base nominal e verbal?

Das perguntas de (1) a (3), este texto dá pistas em especial às questões formuladas em (2) e (3). Desse modo, este trabalho tem por objetivo apontar o princípio da marcação como um universal sociolinguístico atuante em fenômenos

de inovação linguística, na expansão e simplificação do léxico de uma língua, proporcionando operação de regularização. Busca-se atestar a pertinência da máxima “mais marcado, mais mudança”. No caso específico do fenômeno em tela *vir>vim*, queremos caracterizar a relevância do referido princípio ao promover a uniformização nos paradigmas verbais com consequências no léxico de base verbal.

Um ponto crucial, portanto, refere-se à “lei do menor esforço” que facilita o processamento fonológico, tal como verificaram Mollica, Paiva e Pinto (1989). As autoras estudaram o rotacismo em encontros consonantais com padrão silábico CCV, como em *flamengo>framengo*, e o zero fonético, como em *problema>poblema*. Verificaram que a mudança lexical se deve a uma mesma regra cuja explicação assenta-se na tendência de cancelamento de róticos nesse ambiente, tal como em *para>pra>pa* (FELGUEIRAS, 1993). O enfraquecimento de segmentos vem sendo responsável também pelo emprego de formas como *fala0*.

O conceito de marcação, em geral, pressupõe traço essencial de assimetria entre os valores de categorias marcadas e não marcadas. Complexidade estrutural e frequência são fortes indicadores: o valor não marcado tende a ser mais frequente em comparação à forma

marcada (CRISTAL, 1985; CROFT, 1990; GIVÓN, 1995). O critério complexidade estrutural, também utilizado para o estabelecimento do princípio de marcação, estipula que o elemento não marcado deva ser menos complexo; em geral exibe um número menor de morfemas comparativamente ao elemento marcado.

No caso em tela *vir>vim*, a forma infinitiva apresenta um número maior de fonemas segmentais e pode ser considerada o léxico mais marcado, em comparação a *vim*, que perde a vibrante pós-vocálica e ganha o traço suprasegmental de nasalidade. As pesquisas empreendidas em português apontam que formas de menor extensão são mais propensas ao avanço da mudança, no caso por regularização, semelhante ao que Macedo (1983) e Gryner (1989) encontram para o estudo de formas subjuntivas e indicativas. No presente estudo, o falante tende a manter a forma *ver> ver* no modo subjuntivo, mas não erra na operação de *vir>vier*.

Note-se que a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais saliente – em termos de esforço mental, exigência de atenção e/ou tempo de processamento – do que o valor não marcado. O critério de Croft (1990) é aplicável ao nível lexical, quando se trata da dimensão morfológica da língua, bem como à sintaxe e admite uma contrapartida

fonológica. A dimensão morfo-lexical tem a ver com o número de distinções morfológicas que uma determinada categoria pode abrigar.

Cabe perguntar então:

- (a) Até onde se pode provar que as formas regularizadas são mais ou menos marcadas e salientes cognitivamente, levando-se em conta esses aspectos?
- (b) Podem os elementos marcados retardar a difusão da variação/mudança linguística, como parecem atestar as hierarquias de saliência fônica propostas para a análise da concordância verbal e nominal?
- (c) Como a difusão lexical pode lançar mão do princípio da marcação no caso da regularização?

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Mollica (2014) discorre sobre a proposta da Difusão Lexical (DL), esclarecendo como o modelo, à época, já apostava na frequência dos itens para haver mudança. A mudança, no entender do paradigma da DL, postulava a mudança como gradual em itens lexicais potencialmente atingidos, paulatinamente, ao longo do tempo.

Este nos parece o caso de *vir*>*vim*, que vem se propagando em falantes menos letrados e é mais frequente, dado que ocorrem

em contexto pretérito, de maior facilidade para os falantes. Entre as formas *vim* e *vir*, a primeira é menos marcada estruturalmente, menos saliente e de menor custo de processamento. É também a mais frequente na língua, tal como podemos observar nos trechos (2), (3) e (4), retirados da mesma amostra.

(2) Falante: 01 Hen

Sexo: masculino

Idade: 17

Profissão: boy

F: Eu já estudei um pouco, sabe? Mas'eu sou um cara que tenho cu...a cabeça muito dura.

E: É?

F: Então é o seguinte: cum esse problema também. Eu morava em São João de Meriti. Qué dizer, aí minha mãe, minha mãe faleceu já **vim** pra cá, daqui'uns dias já volto lá, maior barato! Então num consegui-me concentrá legal, estudá, agora qu'eu tô entrandu numa di...estudá legal, sabe?

E: Sei. Você fica indu di lá pra cá?

F: É, de vez em quando eu vô lá pra casa do me pai, passu mais um tempo, depois minha vó já mi panha de novo, já volto pra cá di novo, é assim...

(3) **E:** E você dança bem?

F: Sei lá, morou? Já entrei até nuns concurso aí, de dança assim, im baile assim. Já ganhei alguma coisa. Mas num...mas num digo qu'eu num dançu bem, não. Sei lá...

E: Dança sozinho?

F: É. Dançu sozinho, mas dançu acompanhado também! Mi amarro, sabe? Pô si'a gente vai pagá pra ficá dançandu só música lenta, tá por fora. Então aqui **vim** s'tamos curtindo. Qué dizê. Bota

um *soul*, música quente, qui dá pra balançar a gente...Curtindo...

(4) E: Você arrumô briga aí, por quê?

F: Sei lá, morô? Tentei me comunicá cum. Tentei explicá a eles qu'a professora num, num...Um cara aí, sabe? Ele achou qu'a professora tava errada porqu'ela tava faltandu, porqu'ela tava com machucado na...perna. Aí ela lá 'mbaixo falou: "Ah, num sei quê, pra-lá-lá. A professora num vem mais...pão duro. Também num venho mais! Num sei quê!" Aí tentei explicá a ele. "Ah, num é nada disso. A professora num vem porqu'ela tá doente, i é u seguinte: professora do MOBREAL num é paga legal pra **vim** aqui nu colégio. Ela tá fazendo um favor pra genti. E você é um deles qui num pode nem reclamá que você quando entrou, veio pra cá, você veio até com (interrupção)..." Mas já tá tudo bem.

Cabe esclarecer que a variável da saliência fônica atua nesse caso. O falante nativo não tem problemas com o par *vim/veio* ou *venho/vim*, em que a oposição fonética entre as formas é proeminente. Inicialmente sugerido por Naro e Lemle (1976) para explicar a variação na concordância verbal, a escala de saliência fônica é retomada por Macedo (1980) como relevante nos casos de regularização do futuro do subjuntivo com formas de infinitivo pessoal e parece-nos também muito a propósito no caso em estudo. O falante faz uma reanálise lexical e, como postula Basílio (1977), introduz o nivelamento entre as duas formas ao eleger a mais

simples de processar. Para essa autora, o processo sugere a continuação histórica de generalização pelo qual passaram outros verbos que, no latim clássico, apresentavam alomorfia do radical nos tempos do perfeito e que, entretanto, se regularizaram nas línguas românicas.

Observem-se os trechos a seguir:

(5) Falante: 01 Sid
Sexo: masculino
Idade: 16
Escolaridade: Fundamental 1
Bairro: Leme
Profissão: pintor
Ano da entrevista: 1776

F: Aí levô a gente po distrito, aí chegô lá conversô, conversô, conversô, o delegado conversô, conversô, conversô com a gente: o que que você tava fazendo ali, num sei que lá, aí eu falo: nós somos moradores ali da Ladeira do Barroso, então nós pa não descemos pa **vim** pela rua, nós descemos por ali que a gente sai em cima dum samba que vem ali atrás. É o “Fala, meu loro”, tem um bloco ali chamado “Fala, meu loro”. A gente saímos ali atrás saímos mais perto do bloco, aí ele: Você mora ali mesmo, “Moramos sim na Ladeira do Barroso, num sei que lá”, e aí foi ele que falou: Amostra o documento de vocês aí.

(6) F: Eu me lembrei duma coisa... eu olhaie pa esse rapaz aí... eu me lembrei... lá em cima teve uma festa. Ele é... ele é meio maluco, sabe isso rapaz da camisa amarela que vai desceno aí, ele é meio maluco, aí olha só o que que aconteceu. Teve uma festa ali em cima de São João, né, aí convidaru um

pessoal estranho, de fora, né, **pavim** aí né, aí esse cara aí pegô duas faca... aí chegô... num posso nem falá cara... aí chegô no pé do cara assim... aí fez uma cruz com as duas faca: “É você mesmo”, aí falô: “é você mesmo”.

(7) **F**: Tem briga demais. Ali, ali é o seguinte, você é dum... Ali você é do, trabalha no carvão, ali eles já trabalham no café, né. Então ali a turma de lá pô, tá a fim de **vim** pra cá, num sei que lá. Mas aí o cara que é do, do café fala assim: “Oh, num entrega aqueles cara ali não que eles é do carvão, num sei que lá”. É pra preto, do carvão é pra preto, que eles chamam né.

Note-se que *vim* por *vir* é a forma lexical do verbo preferida pelos falantes em diferentes contextos. Tudo leva a crer que estamos diante também de reanálise lexical na direção da facilitação e da uniformização.

São hipóteses fortes as que postulam explicações para tais empregos, descritas de (1) a (5):

- 1) O item lexical menos marcado se difunde a partir das camadas menos escolarizadas e de menor nível cultural;
- 2) Em geral, o léxico menos marcado compõe o rol de variantes mais inovadoras;
- 3) As simplificações lexicais tendem a iniciar-se em grupo etário mais jovem;
- 4) Entre as forças linguísticas que desencadeiam o fenômeno, o princípio da saliência fônica tem

relevância: as formas mais salientes são as que mais mantêm as irregularidades; no entanto, a mudança se difunde a partir das formas menos salientes, o que vale dizer que as formas marcadas tendem a manter a irregularidade paradigmática;

- 5) A mudança se dá em itens lexicais de base verbal e de base nominal como exemplificado anteriormente.

Interessante destacar que é similar a tendência do ponto de vista ontogênico para falantes de L2. Em estudo comparando vários processos de reanálise lexical, Mollica (1997: 38-39) verifica que índios do Xingu adquirem primeiramente as formas marcadas, fixas, e deixam, por último, formas menos marcadas que passam a sujeitar-se a cancelamentos de segmentos em contextos em que a funcionalidade é dispensável.

Acrescenta-se também que, embora haja regularidade no cancelamento do rótico no paradigma verbal do português brasileiro, no caso de *vir*, o apagamento leva ao contraste com *vi*, pretérito perfeito de *ver*. Do ponto de vista do processamento cognitivo, a nasalização se apresenta como estratégia para evitar ambiguidade nesse contexto. Note-se que, em *falar>fala0*, não há nasalização dado que não há qualquer possibilidade de dupla interpretação, diferente de

perder>*pe0de0* em que o falante, em processo de aquisição, recupera rapidamente o rótico em posição medial, uma vez que *perde0*>*pede0* constitui oposição fonológica. Mollica (2003, p.20) demonstra que este é um caso que não oferece qualquer problema no letramento: o aprendiz que escreve inicialmente *pe0de0* por *perder* rapidamente representa o rótico pelo grafema *r* em posição medial; no entanto, terá que haver intervenção explícita no letramento quanto ao segmento em posição final de palavra.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Os exemplos expostos confirmam algumas das hipóteses: as forças coercitivas em direção à fala e à escrita monitoradas devem manter estabilidade quanto ao processo de simplificação de *vir* para *vim*. O princípio da marcação atua como mecanismo inibidor, responsável pela harmonização, contrário à força de inovação.

Vale lembrar também que *vim*, ainda que muitas vezes seja pouco audível, é um emprego lexical muito estigmatizada quando percebido, daí que os sujeitos mais letrados vão evitar seu emprego e a Escola vai corrigir especialmente na escrita. Note que o falante que produz *vim* nos trechos (8) e (9) tem baixa escolaridade e não tem contato com a escrita monitorada para o exercício da profissão.

(8) Falante: 01 Sid
Sexo: masculino
Idade: 16
Escolaridade: Fundamental 1
Bairro: Leme
Profissão: pintor
Ano da Entrevista: 1976

F: Aí levô a gente po distrito, aí chegô lá conversô, conversô, conversô, o delegado conversô, conversô, conversô com a gente: o que que você tava fazendo ali, num sei que lá, aí eu falo: nós somos moradores ali da Ladeira do Barroso, então nós pa não descemos pa **vim** pela rua, nós descemos por ali que a gente sai em cima dum samba que vem ali atrás. É o “Fala, meu loro”, tem um bloco ali chamado “Fala, meu loro”. A gente saímos ali atrás saímos mais perto do bloco, aí ele: Você mora ali mesmo, “Moramos sim na Ladeira do Barroso, num sei que lá”, e aí foi ele que falou: Amostra o documnto de vocês aí.

(9) F: Eu me lembrei duma coisa... eu olhaie pa esse rapaz aí... eu me lembrei... lá em cima teve uma festa. Ele é... ele é meio maluco, sabe isso rapaz da camisa amarela que vai desceno aí, ele é meio maluco, aí olha só o que que aconteceu. Teve uma festa ali em cima de São João, né, aí convidaru um pessoal estranho, de fora, né, **pavim** aí né, aí esse cara aí pegô duas faca... aí chegô... num posso nem falá cara... aí chegô no pé do cara assim... aí fez uma cruz com as duas faca: “É você mesmo”, aí falô: “é você mesmo”.

(10) F: Pô vocês pulam aqui todo dia, vocês num é pego, vocês são espertinho. Aí poxa: “Dexa a gente ficá aí”. A gente pedimo a ele, aí ele: “Tá legal, vô dexá, mas num pula mais aqui não”. Aí té hoje eu ainda num foi lá. Aí ele dexô a gente lá, nós brincamo à pampa, depois **vim** me embora.

Dos dados aqui transpostos, é de se supor que o princípio da marcação atua fortemente na mudança lexical da forma verbal, por meio do controle das variáveis saliência fônica, extensão e frequência do vocábulo. Algumas variáveis sociais, especialmente a escolarização e o tipo de atividade profissional, refreiam o avanço do processo de regularização que, supostamente, estaria conduzindo a mudança, caracterizada, no caso, por uma força de uniformização paradigmática. Pode-se afirmar que pressões de ordem externa, como escolarização, inibem a mudança, estabilizando o processo no português brasileiro atual.

Quanto ao princípio de marcação, os critérios que se mostram relevantes são saliência fônica, extensão e complexidade estrutural, principalmente. Há bons indicadores de que a frequência deve estar interagindo. Por isso, a participação do léxico deve ser levada em conta, pressupondo-se que *vim* vai sendo empregado gradualmente em diferentes contextos e se espalha pelo léxico à proporção que o falante reconhece a forma menos marcada mais facilmente processável. A interpretação nessa direção considera a gradualidade face à regularidade, discutindo o alcance explicativo dos modelos da difusão lexical e dos neogramáticos.

Não se pode afirmar a mudança operada, pois, como esboçamos no artigo, variáveis sob tensão mantêm o emprego de *vir* e *vim*: marcação, saliência, complexidade estrutural e cognitiva e nível de letramento contextualizam as chances de emergência da forma lexical mais marcada *vir*, por um lado, e da forma menos marcada *vim*.

REFERÊNCIAS

- CROFT, William. (1990). *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FELQUEIRAS, Carmen Maria. *Análise da variação no uso da preposição PARA*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1993, mimeo, p.128.
- GREENBERG, Joseph. (1978) *Universals of Human Language*. v.4, Stanford: Stanford University Press.
- GRYNER, H. *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionadas em português*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1989.
- GIVÓN, Talmy. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- GIVÓN, T. (eds.). (1995a). *Coherence in spontaneous text*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p.59-115.
- _____. (1984). *Syntax: a functional-typological introduction*. v.1 Amsterdam: J.Benhamins.
- _____. (1995b). *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. (1993). *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEMLE & NARO. *Competências básicas do português*. Relatório Final

apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), 1977. ms.

MACEDO, A. V. T. *O uso do futuro do subjuntivo em português: regularização de uma forma verbal*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1981.

MOLLIKA, M. C. *Aquisição de padrões fonológicos variáveis*. IN: RONCARATI, C; MOLLIKA, M. C. (org). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1997, p.33-42.

_____. *Difusão Lexical: aquisição, variação e letramento*. Curitiba: Editora CRV, 2014.

_____. *Da Fala Coloquial para à Escrita Padrão*. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2003, p. 20.

MOLLIKA, M. C.; PAIVA, M. da C. & PINTO, I. I. *Relação entre [l]>[r]>[0] em grupos consonantais em português*. In: *Relatório Final do Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Linguístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Nernd. (1991). *Approaches to grammaticalization*. v.II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Maria Cecilia Mollica. Professora Titular de Linguística da Faculdade de Letras – Depto Linguística E Filologia – UFRJ – 40h/DE). Pesquisadora do CNPq – Nível 1. Pós-doutora em Linguística (UnB, 2012); Doutora em Linguística e Filologia (UFRJ, 1989), Mestra em Letras (PUC-RIO, 1977). Bolsista do Nosso Estado da FAPERJ. Coord^a do Mestrado Profissional PROFLETRAS POLO/UFRJ. 5) Líder do Grupo de Pesquisa do PEUL. 6) Líder de Pesquisa do Projeto de Alfabetização da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ (2003-2012). 8) Diretora de Extensão da Faculdade de Letras (2000-2003); 9) Diretora da Faculdade de Letras da UFRJ (2002-2005). 10) Presidente da ABRALIN (2001-2003) contato: ceciliamollica@terra.com.br

Hadinei Ribeiro Batista. Doutorando em Tecnologia e Inovação em Linguística (UFRJ). Mestre em Linguística Teórica e Descritiva pela (UFMG, 2013). Integra o projeto Da Crença à Realidade: Linguagens, Tecnologias e Inovação financiado pela FAPERJ. Membro do Grupo de Pesquisa

LINGUAGEM NA CIÊNCIA, no âmbito do PPGCI/IBICT-ECO/UFRJ. Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Belo Horizonte. Tem interesse em Sociolinguística, Linguística de Corpus, Identidade Social e em Linguagem, Inovação e Tecnologia. Contato: hadinei@gmail.com

Recebido em 26 de setembro de 2014.

Aprovado em 30 de setembro de 2014.